

O polivalente nordestino

Fazenda São Geraldo mostra que casamento do Sindi com o capim Sudão é uma excelente alternativa para a pecuária do Semiárido Nordeste



Jesualdo Fernandes mostra a silagem feita com Capim Sudão, uma gramínea tão rústica quanto a raça Sindi

CAROLINA RODRIGUES

carol@revistadbo.com.br

Quando desembarcou com 30 bovinos Sindi em Governador Dix-Sept Rosado, município potiguar localizado em uma das regiões mais secas do Semiárido Nordeste, Jesualdo Marques Fernandes acreditava que poucos animais sobreviveriam, pois haviam sido adquiridos de uma pequena propriedade acometida pela seca, na divisa com a Paraíba, e estavam muito debilitados. Na tentativa de recuperar uma parte mínima do investimento, realizado quase que por impulso – afinal, os animais haviam saído a preço de “banana” – ele os soltou na Fazenda São Geraldo, de 213 ha, numa bagaceira seca de capim, tendo no cocho apenas sal proteinado. A intenção era fornecer-lhes, por 40 dias, um “cardápio básico” para ver quantos restavam do lote. Ao final do prazo estipulado, uma surpresa: todos os animais recuperaram seu vigor e ganharam peso. Nenhum deles morreu, revelando um excelente fenótipo para a região.

Do lote de machos e fêmeas, 12 matrizes conseguiram registro da ABCZ – Associação Brasileira de Criadores de Zebu – como LA (Livro Aberto), já no ano seguinte (2011). Foi com elas que Jesualdo iniciou seu plantel, hoje composto por 160 animais PO (Puros de Origem), descendentes de rebanhos de instituições como a Emepa (Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária) e a Emparn (Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN) ou adquiridos de criadores regionais, como Mário Silveira, Júnior Teixeira e Orlando Procópio. Gado registrado e “fechado” nas linhagens da importação de 1952.

Razão da escolha: em sua pátria de origem, o Pa-

quistão, os bovinos Sindi, de cor avermelhada, diferentes dos zebuínos mais conhecidos como o Gir e o Nelore, são animais rústicos, usados para o trabalho no campo e produção leiteira. De quebra, ainda forneciam carne para consumo, em pastos muito pobres e pouco beneficiados pelas chuvas, perfil muito próximo ao do Semiárido Nordeste. “Minha seleção é natural, focada na originalidade da raça e no meu ambiente. Em regiões de abundância de comida, como o Sudeste e o Centro-Oeste, o criador pode optar pelo Sindi melhorador, de alto desempenho, que é avaliado por programa de melhoramento. Mas, para nós, nestas condições, esse animal não serve”, diz.

Fã incondicional das linhagens nordestinas, Jesualdo destaca que a raça “se equilibra com o meio ambiente e suas eventuais complicações, continuando a produzir”. Daí ter-se aclimatado bem no Nordeste, gerando a máxima “onde vive a cabra, o Sindi vai bem”. De fato, a raça é opção para muitas regiões em que o índice pluviométrico mal chega aos 200 mm em alguns anos.

Opção para a seca “braba”

O município de Dox-Sept Rosado fica no oeste do Estado, na divisa do Rio Grande do Norte com o Ceará, uma das regiões mais secas do Semiárido Nordeste. As chuvas são irregulares e os índices pluviométricos variados, com altíssima evaporação, já que os raios solares incidem muito perpendiculares ao solo. O volume de chuva varia de 200-700 mm e a evaporação fica em torno de 2.000 mm por ano. Há uma espécie de déficit, um balanço hídrico negativo, que contribui para a ausência de projetos regionais destinados à pecuária de corte, revela o criador. “Tem ano em que chove 700 mm concentrados em 30 dias. Outros anos não temos nem 200 mm na quadra chuvosa”. Por isso, tão rústico quanto o gado, deve ser o capim plantado na propriedade, que não tem pastagens perenes.

Como a propriedade é pequena (213 ha), o produtor arrenda outros 50 ha para garantir forragem ao rebanho. Ele optou pelo cultivo de Capim Sudão (*Sorghum bicolor cv sudanense*), uma gramínea anual usada tanto para pastejo de inverno quanto para produzir silagem na seca. No plantio, Jesualdo faz o mínimo de adução necessária (50 kg/ha) e chega a colher até 35 t/ha em anos com chuvas regulares. São, em média, 150 ha destinados ao plantio anual da gramínea de duplo propósito. A silagem produzida é armazenada em trincheiras.

Jesualdo garante que a produtividade é alta: “Esta-

mos em janeiro e ainda tem bagaceira no campo alimentando o gado. Além disso, trata-se de uma planta mais resistente às doenças, em comparação com os sorcos híbridos”. Segundo ele, o Sudão é como o Sindi: “Não adoece por besteira”.

De 2010 até 2019, período marcado por uma estiagem prolongada na região, Jesualdo somente não produziu silagem em 2012, quando choveu muito abaixo da média, em torno de 300 mm. “Não compensou colher. Nas demais temporadas, o Sudão alimentou bem o gado”. O protocolo nutricional da fazenda é econômico. Nas águas, os animais recebem pasto e sal mineral feito na própria fazenda; na seca, silagem de baixo custo, sem inoculante e com pouca adubação, na proporção de 3 a 4 kg/cab/dia para fêmeas em reprodução, chegando a 15 kg/cab/dia nos períodos mais críticos.

Pequenas eficientes

Com bom desenvolvimento, as novilhas ficam prontas para enxertia mais cedo e apresentam elevado escore corporal. A fazenda tem 10% de cobertura nesta categoria animal a partir de 12-14 meses. O habitual, porém, é as fêmeas chegarem a 100% de concepção na idade de 18-20 meses, com um único protocolo de IATF (Inseminação Artificial em Tempo Fixo), mais repasse com touros. Essa é a categoria com que a São Geraldo mais trabalha, pois, nesta idade, as novilhas são menos exigentes nutricionalmente.

Fornecedor de matrizes e reprodutores, Jesualdo diz que vende “a carne, e o comprador ganha o leite de graça”, destacando as vantagens do zebuino de dupla aptidão. Longevidade é outra característica importante do Sindi. A São Geraldo tem fêmeas de 20 anos de idade que não falharam um ano sequer na parição desde que foram adquiridas, e touros com 14-16 anos ainda cobrindo a campo, com “excelente libido”.



Os bezerros são vendidos a partir da desmama, feita aos oito meses, para coincidir com a prova de ganho de peso chancelada pela ABCZ durante a Festa do Boi, uma das principais exposições locais, realizada em Parnamirim. Nessa idade, na média, os machos estão com 180 kg; as fêmeas, com 170 kg. O criador garante que o peso, considerado baixo em comparação com animais de linhagens modernas, não é um problema. Trata-se, inclusive, de uma grande vantagem do Sindi nordestino. “Nunca vi uma espécie animal ou vegetal com aspecto de gigantismo, que coma e beba pouco. Você já viu?”, questiona o criador, que há dois anos passou a reter fêmeas para aumentar o plantel de matrizes em idade reprodutiva de 70 para 120 animais, de olho no mercado que não para de crescer.

O objetivo é atender a procura de pequenos e médios produtores por touros para cobrir vacas anelouradas e que veem, na qualidade leiteira do Sindi, uma característica desejável para as fêmeas nascidas desse acasalamento, que serão mantidas a campo. A Fazenda São Geraldo tem compradores em Minas Gerais, Maranhão, Pará, Ceará, Paraíba e Piauí, mas o maior mercado é regional e destinado à pecuária comercial. ■

Reprodutor e matriz do rebanho Sindi da São Geraldo: rusticidade e boa conformação

AS PRINCIPAIS NOTÍCIAS DO AGRONEGÓCIO NA PALMA DE SUAS MÃOS ESTEJA ONDE ESTIVER!

Acesse o Portal DBO através de seu celular, computador ou tablet e mantenha-se atualizado sobre o mercado e tudo que é destaque no setor.

www.portaldbo.com.br

